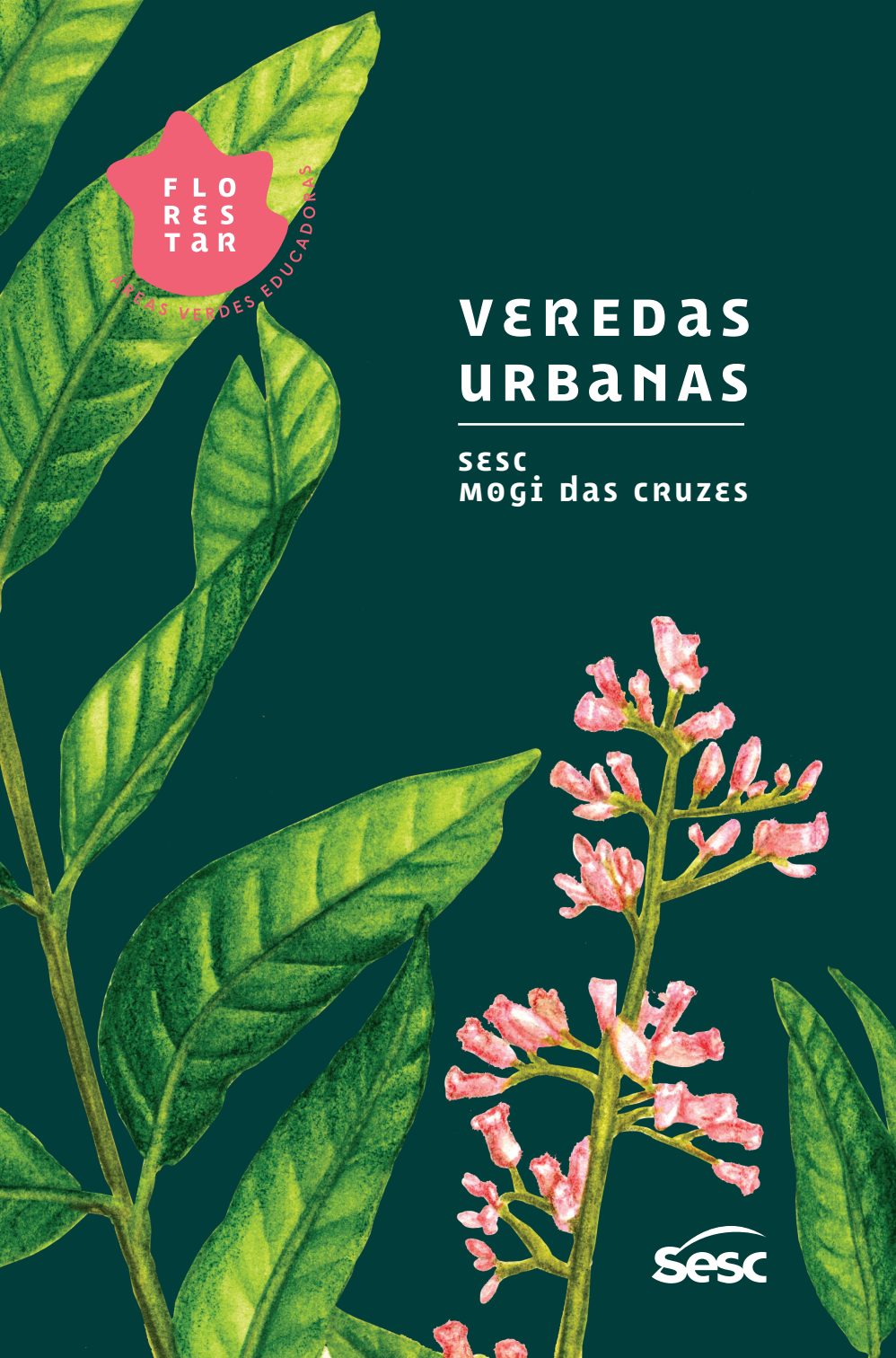
FLORESTAR

ÁREAS VERDES EDUCADORAS

VEREDAS URBANAS

SESC
MOGI DAS CRUZES



Sesc

PELAS VEREDAS URBANAS

Atualmente, a maior parte das populações humanas vive nas cidades. Garantir a coexistência de todas as formas de vida em um sistema tão diverso e intensamente transformado representa um enorme desafio social e ambiental.

A presença de áreas verdes em ambientes urbanos corresponde, por sua vez, à possibilidade de integrar natureza e espaço construído, propiciando ambientes mais saudáveis e, ademais, o estímulo a uma relação qualificada com o meio ambiente, por meio do lazer, da experiência sensorial, da convivência e do intercâmbio de saberes.

Perceber a natureza em meio à cidade, com sua flora e fauna em constante movimento e adaptação, nos leva a sentir a urbe de maneira mais viva. Nossos trajetos rotineiros podem, nesse sentido, propiciar surpreendentes descobertas. Além disso, caminhar pela praça do bairro, zelar por uma árvore plantada na calçada, sentir o frescor da mata ou observar as plantas que crescem espontaneamente nas ruas religa-nos à natureza, tanto pelo encantamento como pelo conhecimento.

É com esse olhar que o Sesc reforça, no âmbito do projeto Florestar, o seu compromisso com a sustentabilidade, buscando efetivar o potencial educador das áreas verdes urbanas. Para isso, lança mão de ações e materiais voltados à sensibilização para esses aspectos, como é o caso deste guia, dedicado às árvores presentes no Sesc Mogi das Cruzes. Nessa travessia, cada pessoa é convidada a observar a natureza, as espécies de árvores e as demais vidas que com elas interagem. Esse exercício pode se beneficiar, ainda, do entendimento de que somos capazes de intervir na realidade e que, portanto, é possível viabilizarmos cidades mais verdes e saudáveis.

Sesc São Paulo

BREVE HISTÓRICO DA CIDADE

Mogi é um nome que deriva de M'Boigy, do tupi-guarani "Rio das Cobras", atual Rio Tietê. A cidade do rio cheio de curvas tem séculos de história. Dessa, uma boa parte foi apagada, contando com poucos registros antes da chegada das invasões europeias às terras dos povos originários da América do Sul.

Sabemos que mais de 2 milhões de pessoas viviam nesta região antes do ano de 1.500, com uma sociedade organizada e integrada a esse território. São heranças desses povos os nomes de rios, morros, plantas e animais, os caminhos que viriam a se converter em ferrovias e rodovias, o conhecimento profundo sobre o clima e outros ciclos naturais do território.

A segunda parte do nome da cidade, "das Cruzes", traz a influência da chegada do europeu, a partir do fim do século XVI: as cruzes eram usadas para delimitar o território dos colonizadores, suas propriedades – um conceito, até então, inexistente nessas terras.

Por muito tempo, a região rebatizada serviu como local de residência para famílias de agricultores, pecuaristas e pequenos comerciantes de origem portuguesa, e local de exploração de populações de origem indígena e africana. Em direção ao século XIX, as culturas do café, cana-de-açúcar, tabaco, algodão são desenvolvidas sob o mesmo regime escravocrata; nesse período, também, o município se fortalece como importante entreposto comercial para viajantes e tropeiros.

Com o fim da escravidão legalizada, novos povos chegam a Mogi das Cruzes entre o fim do século XIX e início do século XX, como pessoas de origem italiana, espanhola, síria, libanesa e japonesa. Mais tardiamente, entre as décadas de 1950 a 1970, migrantes de Minas Gerais e do nordeste brasileiro chegam à região.

Mogi das Cruzes se compôs como um território que agrega povos de diferentes origens, assim como boa parte do Brasil. Em 2021, mais de 450 mil pessoas convivem neste espaço.

As diversas influências desses povos tornaram Mogi uma cidade que é reconhecida pela intensa relação entre a zona rural e a zona urbana, com contrastes marcantes e complementares em sua constituição. Ao mesmo tempo que é um importante centro comercial e logístico entre o interior e o litoral paulista, também é uma das regiões de maior produção agrícola do estado. Se, por um lado, é atendida pela linha de trem que parte do coração da capital, por outro é bordeada pelas grandes áreas verdes da Serra do Itapeti e da Serra Mar. Enquanto uma parte do seu nome faz referência à cultura católica dos imigrantes europeus, por outro carrega, como resistência, o nome dado pelos povos originários a esse trecho do Rio Tietê.

Geografia e Hidrografia

A cidade de Mogi das Cruzes se desenvolveu num extenso planalto, um dia coberto por uma densa floresta típica de Mata Atlântica, hoje restrita a algumas áreas protegidas, principalmente próximas às serras que delimitam o município.

Nos 712,541 mil km² de extensão do território de Mogi das Cruzes encontramos a maior parte da população humana (92%) em zonas urbanas. Segundo dados do IBGE (2010), o município possui cerca 85,5% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 62,2% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 28,7% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada.

Margeando o Rio Anhembi, que viria a ser conhecido como Rio Tietê no futuro, a população que ali se estabeleceu aproveitou os recursos hídricos da região para desenvolver a agricultura local, principalmente de hortaliças e frutas. Compondo a região das Cabeceiras da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê, o município conta com dois importantes reservatórios de água, o Taiaçupeba e o Jundiaí.

Essa proximidade com a nascente do Rio Tietê marca o início das diversas transformações que este sofre ao longo de seu curso. Nascendo limpo e cristalino, ele recebe toda a drenagem superficial de sua bacia e se espraia e serpenteia por áreas planas. O Sesc Mogi das Cruzes está próximo de suas curvas e, nelas, é possível reconhecer um rio vivo e dinâmico. Entrando na Região Metropolitana, suas águas passam

a receber efluentes domésticos, industriais e resíduos da agricultura. Ele perde suas curvas e passa a correr em canais retificados, não naturais, sem vida. Porém, em sua jornada rumo ao interior do estado, o Rio Tietê tem a capacidade de se depurar, limpar naturalmente suas águas e ganhar nova vida, até desembocar no Rio Paraná, daí seguindo para o sul, até desaguar no mar pelo Rio da Prata, na divisa da Argentina com o Uruguai. Um longo caminho percorrido por águas que passam aqui do lado!

Toda essa água é drenada entre duas importantes Serras. Ao Sul, encontramos a Serra do Mar, que integra uma importante área contínua de Mata Atlântica e marca a divisa com os municípios da Baixada Santista. Ao Norte, temos a Serra do Itapeti, que abriga o ponto mais alto do município, o Pico do Urubu, com 1.140 metros de altitude.

E é justamente esse "abrigo" entre Serras que confere a Mogi das Cruzes o seu clima relativamente ameno e úmido, típico de áreas subtropicais. A umidade vinda do litoral que consegue vencer a barreira da Serra do Mar chega na cidade e seu entorno e garante a precipitação, concentrada no verão e na primavera. As temperaturas médias também são agradáveis, mas podem variar bastante ao longo do ano, chegando a mais de 30°C e podendo cair a quase 0°C durante o inverno.

Biodiversidade

O município é protegida por Áreas de Preservação Ambiental. São encostas de morros, beiras de rios e córregos e áreas de nascentes d´água. Nestes quase 180 km² de uma rica floresta ombrófila densa*, se abrigam espécies animais e vegetais que precisam deste espaço para se alimentar, abrigar e reproduzir. Algumas delas são raras e ameaçadas de extinção, como o sagüi-da-serra-escuro (*Callithrix aurita*).

Duas dessas áreas protegidas ficam na Serra do Itapeti: o Parque Natural Municipal Francisco Affonso De Mello – Chiquinho Veríssimo e a Estação Ecológica do Itapeti. Ambas compõem o Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, um importante integrante da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Conjuntamente, essas áreas protegem mais de 400 hectares de mata nativa, visível de vários pontos da cidade, inclusive do Sesc Mogi das Cruzes.

Ao sul do município, encontramos outra importante área de preservação de Mata Atlântica, o Parque Estadual da Serra do Mar. Apesar de não abranger áreas dentro de Mogi das Cruzes, esta unidade de conservação abriga o maior trecho contínuo de mata do Estado e configura um corredor ecológico essencial para a manutenção da biodiversidade local. Integrado a essa área, no alto da Serra e já dentro de Mogi, está o Parque das Neblinas. Lar de 1.246 espécies, 23 destas ameaçadas de extinção, o parque protege os recursos hídricos da região e funciona como zona de amortecimento para a mata da Serra do Mar.

*Florestas úmidas, ricas em biodiversidade e com pouca penetração da luz do sol no seu interior

Fora das matas, nas áreas rurais e urbanas do município, a predominância é de espécies animais típicas de áreas abertas ou de ambientes aquáticos. Estas se beneficiem das árvores presentes na cidade, algumas nativas de Mata Atlântica, como o ipê-amarelo (*Handroanthus chrysotrichus*), a embaúba-prateada (*Cecropia hololeuca*) e a quaresmeira (*Pleroma granulosa*). Essas árvores, e todas as outras, servem como abrigo e alimento para as mais de 400 espécies de aves registradas na região.

Serão ainda necessários muitos anos de pesquisa para conhecer toda a biodiversidade existente na Mata Atlântica.

Neste material, fazemos o convite a observar um pouco mais dessa diversidade e contrastes tão presentes em Mogi: quais são as histórias por trás das árvores que encontramos no Sesc Mogi das Cruzes e em volta dele?

Que tal percorrer as áreas verdes do Sesc e conhecer mais sobre estas espécies?

Vamos lá?

Guia de árvores

Sangra d'água 12
Quaresmeira 14
Aroeira vermelha 16
Saboeiro 18
Ipê amarelo 20
Canafístula 22
Aldrago 24
Oitizeiro 26
Palmeira jerivá 28
Mirindiba 30
Cedro 32
Araucária 34
Paineira 36
Goiabeira 38
Fruto do sabiá 40

sangra d'água

Croton urucurana Baill.

Família: Euphorbiaceae
Altura média: 7 a 14 metros
Floração: dezembro a junho
Frutificação: janeiro a julho
Nativa do Brasil

As flores pequeninas de cor amarelo-esverdeadas atraem beija-flores e grande diversidade de insetos. Seu crescimento rápido e ciclo de vida curto promovem capacidade contínua de regeneração da espécie. Sua frutificação produz em média 30 frutos por inflorescência. O fruto seco quando maduro dispersa as sementes por meio de explosão elástica. Suas folhas em formato de coração possuem tonalidade de verde em dois tons diferenciando a superfície exposta ao sol da parte de baixo da folha que é mais pilosa. Em meio à copa verde, algumas das folhas ficam alaranjadas e destacam-se na copa, o que torna a árvore também muito ornamental. A espécie é adaptada a solos úmidos próximos a cursos d'água. Da sua casca é extraído látex de cor vermelha que apresenta propriedades de interesse medicinal e complementar para o tratamento de feridas com princípio ativo que atua na cicatrização e como anti-inflamatório. São cerca de 300 espécies neste gênero, muitas das quais venenosas e outras medicinais.

Outros nomes comuns: sangue-de-dragão, urucurá, balsa-macho, pau-de-drago, tampa-vermelha, zangrado

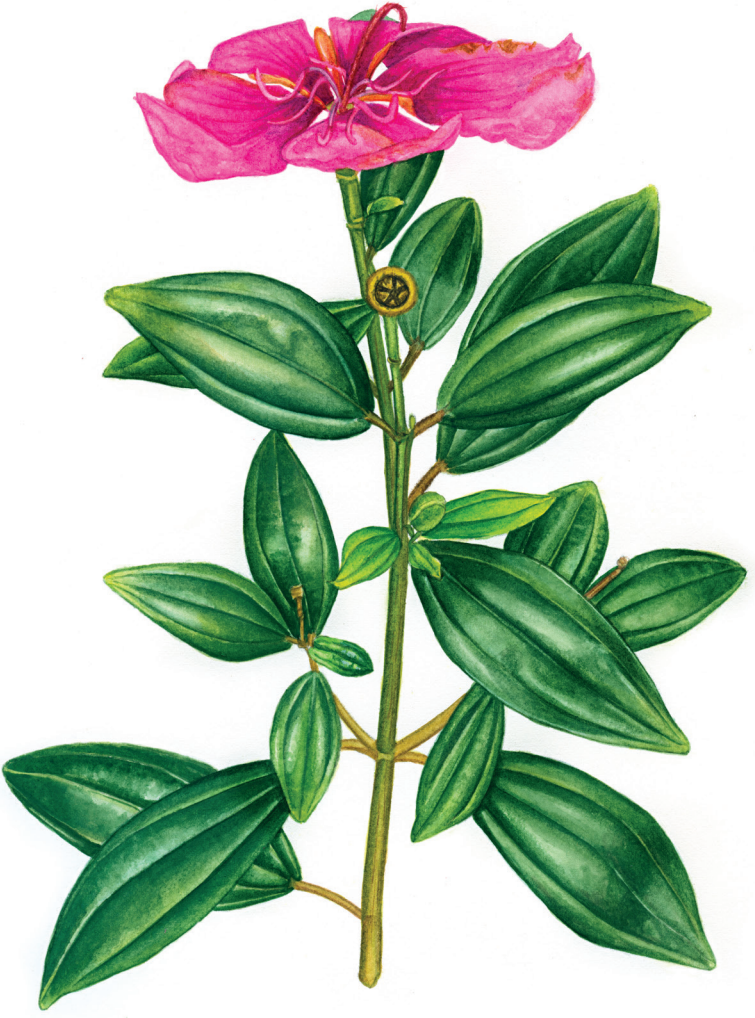
quaresmeira

Pleroma granulosum (Desr.) D. Don

Família: Melastomataceae
Altura média: 8 a 12 metros
Floração: dezembro a março e junho a agosto
Frutificação: abril a agosto
Nativa do Brasil

As folhas da quaresmeira podem ser motivo de brincadeiras com crianças, pois sua pilosidade favorece a aderência em roupas e tecidos, criando a possibilidade de ser utilizado como um "broche natural". O tempo de vida da quaresmeira, por ser uma espécie pioneira, é de 60 a 70 anos. É uma das principais árvores utilizadas na arborização urbana no Brasil, devido ao seu ótimo porte para calçadas, além de compor o paisagismo de avenidas, praças, parques e jardins em geral. Possui duas variedades de flores, uma com coloração rosa e outra roxa. Elas são muito visitadas por diferentes tipos de insetos que se alimentam do seu néctar. Seu fruto seco em forma de cone contém numerosas minúsculas sementes que se desprendem com o balançar dos galhos. Suas folhas são pilosas e o desenho das nervuras sempre paralelas. Sua casca é rugosa e descamante e a pilosidade que ocorre nas folhas pode também ser observada nos botões florais. Aprecia o clima tropical e subtropical, tolerando bem o frio moderado.

Outros nomes comuns: flor-de-quaresma



aroeira vermelha

Schinus terebinthifolia Raddi

Família: Anacardiaceae
Altura média: 5 a 9 metros
Floração: dezembro a março
Frutificação: maio a junho
Nativa do Brasil

Suas flores pequenas e esbranquiçadas são atrativas de inúmeros insetos polinizadores. As folhas possuem morfologia composta e são aromáticas. O fruto, conhecido popularmente como pimenta-rosa, é de sabor levemente picante e adocicado utilizado como tempero em preparações culinárias. A frutificação em cachos rosados é muito ornamental além de ser recurso alimentar para muitas aves. São muitos os registros de usos etnofarmacológicos que citam aplicações de diferentes partes da planta com propriedades anti-inflamatória, antiespasmódica, tônica, diurética, adstringente, cicatrizante, balsâmica e bactericida. Artigo publicado por pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal de São Paulo encontra efeito positivo nos testes realizados com o extrato das folhas apresentando propriedades anti-inflamatórias indicando potencial para aplicação em medicamentos no futuro. Importante não confundir esta espécie com a aroeira-salsa, suas folhas diferem muito.

Outros nomes comuns: aroeira-pimenteira, aroeira-mansa, cambuí, fruto-de-sabiá, pimenta-rosa

saboeiro

Sapindus saponaria L.

Família: Sapindaceae
Altura média: 4 a 9 metros
Floração: maio a junho
Frutificação: julho a dezembro
Nativa do Brasil

A presença de saponina, substância com propriedades similares ao sabão, fez os frutos serem utilizados para lavagem de roupas no meio da mata. Os frutos globosos ficam de cor amarela quando maduros e apresentam certa translucidez, sendo atrativos para morcegos e aves. A copa arredondada e grande traz beleza, sombra e abrigo para os animais. Suas folhas em forma de lança estão sempre verdes, beneficiando o microclima das áreas urbanas. Indicada para reflorestamentos de áreas degradadas e também para arborização urbana. Apresenta inflorescência com muitas flores brancas e pequeninas. Existem pesquisas científicas que buscam determinar as propriedades medicinais da casca, raízes e frutos já utilizados na medicina tradicional para diferentes funções do sistema respiratório, nervoso e trato urinário.

Outros nomes comuns: pau-de-sabão, saboneteiro, sabão-de-macaco, sabonete-de-soldado, jequitinhaçu, fruta-de-sabão, sabão-de-soldado

ipê amarelo

Handroanthus chrysotrichus (Mart. ex DC.) Mattos

Família: Bignoniaceae
Altura média: 8 a 20 metros
Floração: agosto a setembro
Frutificação: setembro a novembro
Nativa do Brasil

Em tupi-guarani, ipê significa "árvore de casca grossa". Sua exuberante floração garantiu à árvore o título de símbolo do Brasil, dado em 1961. São muitas as espécies de ipê-amarelo, e no território brasileiro ocorrem principalmente nas regiões do cerrado e caatinga. As flores com formato de trombeta ficam agrupadas nas extremidades dos galhos como pequenos buquês. Elas podem ser consumidas como salada e atraem avifauna, principalmente beija-flores e periquitos, além de grande diversidade de abelhas nativas e insetos que atuam na polinização. As sementes delicadas são protegidas por uma fina película translúcida quase brilhante. Quando a vagem se abre, as sementes plainam suspensas pelo vento. Esta espécie tem sido muito utilizada na arborização urbana por não atingir grandes alturas e apresentar raízes profundas. Seus frutos e folhas possuem pilosidade na superfície, sendo a textura áspera das folhas uma característica que ajuda a identificar os ipês-amarelos quando não estão em flor.

Outros nomes comuns: pau-d'arco-amarelo, piúva-amarela, ipê-do-morro, caraíba, ipê-pardo, ipê-tabaco, ipê-amarelo-miúdo

canafístula

Peltophorum dubium (Spreng.) Taub.

Família: Fabaceae
Altura média: 10 a 20 metros
Floração: setembro a março
Frutificação: maio a dezembro
Nativa do Brasil

Suas flores amarelas, perfumadas e vistosas, apresentam um florescimento exuberante, sobre a copa ampla e globosa. A inflorescência tipo espiga fica carregada de botões dourados que se abrem em flores da base ao ápice. O fruto é achatado, seco, lanceolado e portador de uma a duas sementes elípticas de fácil germinação após retiradas de dentro da vagem. Nas folhas, casca e madeira existe substância com efeito espumante. Durante o inverno perde parte ou todas as folhas, e costuma emergir em maior quantidade e velocidade em clareiras tornando-se adequada para recuperação de áreas degradadas. Também possui tanino na casca e madeira, substância que auxilia na fixação de pigmentos. É ainda boa opção para compor a alimentação dos animais, por ter proteína.

Outros nomes comuns: acácia-amarela, camurça, monjoleiro, ibirá, curucaia, amendoim-falso, favinha, caobi, guazu

aldrago

Pterocarpus rohrii Vahl

Família: Fabaeceae
Altura média: 20 a 35 metros
Floração: outubro a janeiro
Frutificação: setembro a novembro
Nativa do Brasil

Seu nome científico significa "fruto asa", em referência às vagens. Os nomes comuns se originaram pelo fato do tronco apresentar seiva de cor avermelhada quando cortado. Sua floração tem duração muito curta, com uma beleza incomparável de pétalas cor amarela bem intensa e o miolo de cada flor avermelhado. Além disso, o perfume das flores é suave, mas possível sentir à distância. Encontrada com facilidade na arborização urbana em praças, parques, calçadas e jardins. Trata-se de espécie importante para fixação de nitrogênio no solo, indicada para recuperação de áreas degradadas. Adequada para locais reduzidos, apresenta raízes profundas, folhas perenes e frutos leves e secos adaptado a locais com grande circulação de pessoas.

Outros nomes comuns: pau-sangue, sangueiro, pau-sangue-casca-fina, mututi, sacambu

oitizeiro

Moquilea tomentosa Benth.

Família: Chrysobalanaceae
Altura média: 9 a 12 metros
Floração: junho a agosto
Frutificação: novembro a janeiro
Nativa do Brasil

Por projetar boa sombra, é comumente encontrada na arborização das cidades brasileiras. Apresenta copa densa de formato globoso, sempre verde, com folhas elípticas cobertas de pilosidade esbranquiçada. Seu tronco cresce de forma ereta e possui casca acinzentada, a cor das folhas novas pode variar entre amarelo claro quando jovens a verde escuro quando adultas. O fruto alaranjado quando maduro possui formato arredondado e é carnoso, com polpa pegajosa e fibrosa protegendo a semente. Possui sabor adocicado e adstringente, lembrando manga, porém mais seco. Quando maduro, colher e deixar em descanso por 5 dias antes do consumo. Também é possível extrair a polpa para fabricar vitaminas, sucos e sorvetes. Sua madeira é resistente e, por acumular silício, suas cinzas são utilizadas pelos indígenas brasileiros para prevenir rachaduras nas peças de argila. As folhas são muito apreciadas pela fauna em geral.

Outros nomes comuns: oiti, morcegueira, guaiti, oiti-mirim, guaili, oiti-da-praia

palmeira jerivá

Syagrus romanzoffiana (Cham.) Glassman

Família: Arecaceae
Altura média: 10 a 30 metros
Floração: abril a dezembro
Frutificação: setembro a março
Nativa do Brasil

É uma das palmeiras brasileiras mais empregadas na arborização de ruas e avenidas em todo o país. Com uma das maiores folhas do reino vegetal, elas podem medir cerca de 2 metros de comprimento e serem utilizadas na composição de ração para gado. De onde brotam as novas folhas, pode ser extraído palmito para alimentação humana. Milhares de pequenas flores desabrocham em cacho. A polpa do fruto é carnosa, amarelada e composta de uma mucilagem fibrosa e muito doce. Esta característica é muito atrativa para alguns animais como, papagaios, maritacas e esquilos-caxinguelês, ou mesmo para cachorros. Crianças e adultos também podem consumir a polpa e certamente muitos possuem a lembrança de quebrar os coquinhos batendo com pedras para assim conseguir saborear as amêndoas.

Outros nomes comuns: baba-de-boi, coco-de-cachorro, coquinho, gerivá, jeribá, coqueiro-pindoba, jiruvá

mirindiba

Lafoensia glyptocarpa Koehne

Família: Lythraceae
Altura média: 8 a 15 metros
Floração: junho a agosto
Frutificação: agosto a outubro
Nativa do Brasil

Árvore cada vez mais presente na arborização de grandes ruas e avenidas por ter porte compatível com a infraestrutura urbana, folhagem perene, bela, rústica e resistente à poluição. Também importante para plantios de recuperação de áreas degradadas por oferecer recursos para grande diversidade de espécies silvestres. Existem registros de que indígenas utilizam a madeira para confecção de flechas. As flores de cor bege são polinizadas por morcegos e possuem grande quantidade de néctar, abrindo-se por uma única noite. Curiosamente os nectários extraflorais - glândulas localizadas no ápice de suas folhas - atraem formigas. Os frutos secos portam sementes aladas dispersadas facilmente pelo vento.

Outros nomes comuns: mirindiba-bagre, louro-de-são paulo, mirinduva, dedaleiro e mirindiba-rosa

cedro

Cedrela fissilis Vell.

Família: Meliaceae
Altura média: 10 a 25 metros
Floração: setembro a janeiro
Frutificação: junho a setembro
Nativa do Brasil

De origem grega "kedros", significa queimar, perfumar, purificar, pois sua madeira perfuma ambientes. A espécie está em estado vulnerável de conservação, pois enfrenta risco de extinção elevado na natureza. Sua florada possui grande potencial melífero, sendo um chamariz para muitas espécies de abelhas nativas. Madeira leve a moderadamente pesada, macia ao corte, com boa durabilidade ao ambiente seco e perfume agradável. Também muito aplicada na confecção de pequenas caixas, lápis e instrumentos musicais. Da madeira se extrai óleo essencial com perfume semelhante ao cedro-do-Líbano, que aparentemente a protege do ataque de cupins. Perde folhas durante o inverno e seus frutos, que são cápsulas ovais lenhosas, abrem-se ao amadurecer, apresentando formato similar a uma flor. Cada fruto possui entre 30 e 100 sementes aladas, que, caso sejam armazenadas adequadamente, ficam viáveis para germinação por cerca de 2 anos.

Outros nomes comuns: acajá-catinga, capiúva, cedrinho, cedro-amarelo, cedro-rosa, cedro-diamantina, iacaiacá

araucária

Araucaria angustifolia (Bertol.) Kuntze

Família: Araucariaceae
Altura média: 20 a 50 metros
Reprodução: estróbilo* masculino agosto a janeiro, estróbilo* feminino ano todo
Frutificação: março a junho
Nativa do Brasil

Sua semente, o "pinhão", é consumido e disperso por várias espécies de fauna, como a gralha-azul e a cutia. Classificada como uma espécie criticamente ameaçada de extinção pela Lista Vermelha da IUCN (União Internacional para Conservação da Natureza). No Rio Grande do Sul, o pinhão é protegido por uma Portaria Normativa do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama), chamado "defeso do pinhão", que o protege da exploração comercial no período de maturação da pinha. O estouro de uma pinha madura é um acontecimento que pode ser apreciado como se fosse um "rojão natural". Escuta-se um estrondo e na sequência a queda de inúmeros pinhões ao pé da árvore. No passado, fazia parte da alimentação dos indígenas. Hoje, o pinhão tem presença marcante na culinária da região Sul do Brasil e está associado a frio, aconchego e a festas. Em termos nutricionais, é um alimento rico em calorias, fibras e composto por vários minerais, como cobre, zinco, manganês, ferro, magnésio, cálcio, fósforo, enxofre, sódio e excelente fornecedor de potássio, mineral que ajuda a controlar a pressão arterial. Também possui ácidos graxos linoleico (ômega 6) e oleico (ômega 9), auxiliando na redução do colesterol no sangue.

Outros nomes comuns: pinheiro-brasileiro, pinheiro-do-paraná, curi, pinheiro-preto

*Estruturas reprodutivas das plantas Gimnospermas

paineira

Ceiba speciosa (A.St.-Hil.) Ravenna

Família: Malvaceae
Altura média: 15 a 30 metros
Floração: dezembro a maio
Frutificação: junho a outubro
Nativa do Brasil

Possui madeira leve utilizada para construir canoas. Dispersam muitas sementes com o auxílio da paina que é encontrada no interior dos frutos. As flores são polinizadas especialmente por beija-flores, morcegos e borboletas. Como são comestíveis, algumas aves perfuram os frutos com seus bicos duros, atrás das sementes que são ricas em nutrientes. A paina pode ser utilizada para enchimentos de travesseiros, colchões, forro de agasalhos, isolante acústico e térmico e até equipamentos de flutuação como salva-vidas. Sua capacidade de flutuação é de até trinta e cinco vezes o seu próprio peso. Não é possível produzir fios com a fibra da paina, pois sua estrutura é muito curta se comportando mais como pelo. A família botânica engloba árvores famosas como a Sumaúma da Amazônia e o Baobá Africano e Australiano. A presença de acúleos é uma característica evolutiva que encontrou vantagens no ambiente ao desencorajar que animais pesados subissem em seu tronco e galhos. Possui crescimento rápido quando jovem, aspecto fortalecido pelo caule verde, que colabora para maior realização de fotossíntese.

Outros nomes comuns: paina, paineira-rosa, paineira-de-espinho, árvore-de-lã, barriguda

Acúleos

goiabeira

Psidium guajava L.

Família: Myrtaceae
Altura média: 3 a 6 metros
Floração: setembro a novembro
Frutificação: dezembro a março
Naturalizada brasileira

O nome goiaba é derivado da palavra "coyab", que em tupi significa "sementes aglomeradas". Os incas utilizavam a madeira da goiabeira para diversos ornamentos e os primeiros indícios de cultivo estão no México, no início da Era Cristã. Os portugueses levaram a planta para suas colônias na Índia, Angola e Cabo Verde. Seus frutos são ricos em antioxidantes, vitaminas A, B1, B2, B6 e C. A goiaba-branca tem mais vitamina C que o limão, por isso, durante a Segunda Guerra Mundial, foi suplemento na alimentação nas regiões frias, pois aumentava a resistência contra as afecções do aparelho respiratório. As flores são brancas e muito delicadas. Outro aspecto marcante de sua morfologia é a casca lisa, brilhante e com muitas tonalidades que variam entre verdes e beges formando mosaicos de cores conforme descama. Seus frutos são apreciados por muitos mamíferos e aves que dispersam as sementes, gerando novas mudas com aquelas que resistem ao passar pelo trato digestivo.

Outros nomes comuns: araçá-goiaba, guaiaba, goiava

Fruto do sabiá

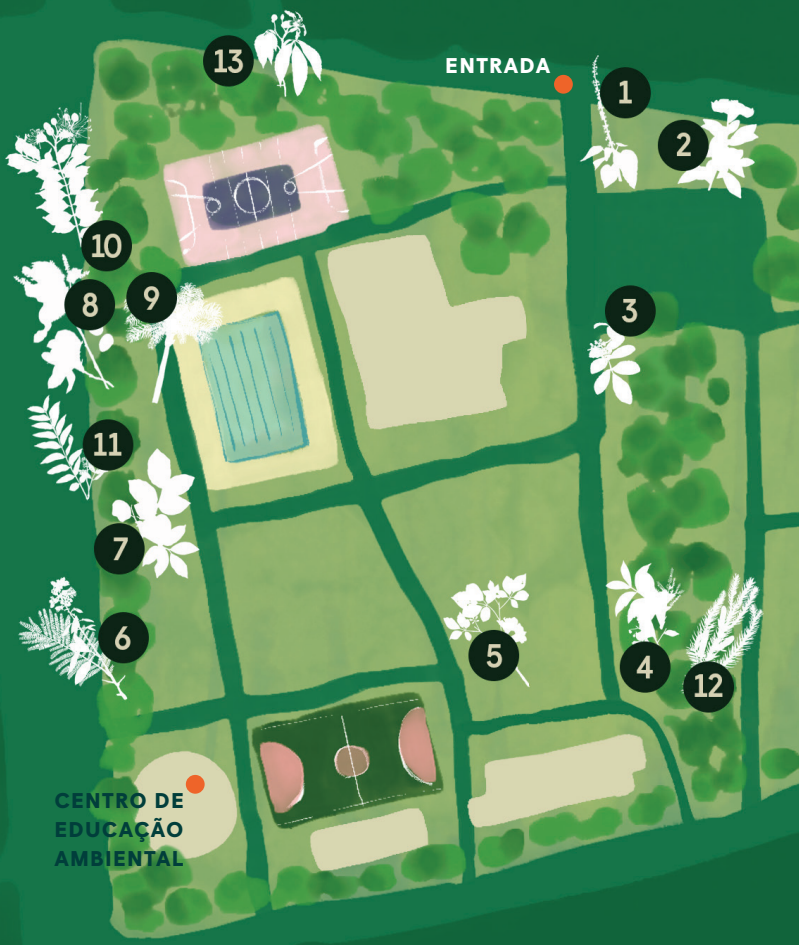
Iochroma arborescens (L.) J.M.H. Shaw

Família: Solanaceae
Altura média: 3 a 8 metros
Floração: ano todo
Frutificação: ano todo
Nativa do Brasil

Este arbusto é muito adaptável e resistente a diferentes climas e solos, podendo ser plantado em áreas de sub-bosque, campos e até área urbana, inclusive em vasos. Durante o inverno, perde as folhas, permitindo viver em ambientes que chegam até três graus negativos. Mas não aprecia locais com muito vento. Seus galhos ficam repletos de lindas flores brancas e perfumadas. Em cachos pendentes, florescem em diversas ocasiões do ano, mas principalmente no meio da primavera. Apreciadores das aves sempre plantam ao menos uma em seu quintal. Os frutos alaranjados cobrem os ramos, sempre que a umidade do solo é constante, e são muito saboreados por sabiás, saíras, tiês, sanhaços, juritis, tucanos, bem-te-vis e outras aves. Os frutos com polpa adocicada podem ser consumidos *in natura* e utilizados em sucos, mas por serem pequenos não são muito procurados e também acabam sendo rapidamente devorados pela passarinhada. Espécie importante em projetos de restauro ambiental e reflorestamento. Quando plantada na beira de riachos, seus frutos alimentam dezenas de espécies de peixes.

Outros nomes comuns: marianeira, espora-de-galo

mapa sesc mogi das cruzes



LEGENDA

1 Sangra d'água
2 Quaresmeira
3 Aroeira vermelha
4 Saboeiro
5 Ipê amarelo
6 Canafístula
7 Aldrago
8 Oitizeiro
9 Palmeira jerivá
10 Mirindiba
11 Cedro
12 Araucária
13 Paineira
14 Goiabeira
15 Fruto do sabiá

ILUSTRAÇÕES
CARLA GAROFALO

PESQUISA E TEXTOS
ANDRÉ SANTACHIARA FOSSALUZA
FELIPE CAMPAGNA DE GASPARI
GUSTAVO FARIA
REGINA MARIA DE FREITAS
JULIANA GATTI

NOVEMBRO DE 2021

SESC MOGI DAS CRUZES
R. Rogerio Tacola, 118 - Socorro
Mogi das Cruzes - SP

sescsp.org.br/mogidascruzes
/sescmogidascruzes